

Instituto João Goulart



Notícias » Notícias e artigos do IPG »

Reverendo João Goulart.. Murilo de Aragão

publicada em 30 de novembro de 2011

Reverendo João Goulart

| Murillo de Aragão - Cientista político e presidente da Arko Advice Pesquisas



Estava em Teresópolis quando houve o golpe militar de 31 de março de 1964. Tinha sete anos. Minha mãe, com faro para as tendências predominantes, achou por bem sair do Rio de Janeiro e ir para a serra.

Decisão acertada. Minha mãe tinha uma sólida amizade com parentes de JK e, por meio deles, formávamos nossa opinião. Que nem era a favor do golpe nem a favor das propostas defendidas por Brizola.

Ao longo dos anos, enquanto se consolidava a imagem romântica do gentil estadista JK, Jango, como era conhecido João Goulart, era empurrado para a periferia da história como um presidente fraco que merecia ser derrubado pelos militares.

Aqui e ali, algumas iniciativas destinadas a recuperar a imagem de Jango são feitas. Porém, dois óbices claros atrapalham tal fenômeno. Jango tinha adversários poderosos à direita e à esquerda de seu eixo ideológico.

Jango, com sua vocação política de conciliação, tão bem praticada por Lula, desagrada a ambos os lados de uma política radicalizada. Para a esquerda, faltou a Jango coragem para empurrar o Congresso para a periferia da política e implantar as reformas de base na marra.

Para a direita, Jango flertava perigosamente com ideias revolucionárias que ameaçavam o statu quo. Jango, no fundo, queria mudar o país sem confronto e no consenso, por meio da prática da conversa, que o levou tão longe na política.

Em pouco mais de 18 anos, deixou de ser um simples fazendeiro para se transformar em ministro, vice-presidente duas vezes e presidente da República.

Jorge Ferreira, em seu excelente livro João Goulart - Uma Biografia (Civilização Brasileira), explica como foi difícil trilhar o caminho do meio. Uma espécie de terceira via que, de certa forma, prevaleceu nos governos Sarney, Itamar, FHC e Lula.

Ao invés de vacilar entre duas opções erradas, Jango tentou seguir o caminho da racionalidade e do equilíbrio. Sem conseguir, foi tragado pelos radicalismos de lado a lado e, injustamente, relegado a uma avaliação que o coloca menor na política nacional.

A obra de Jorge Ferreira resgata a imagem de Jango. Não para fazer dele um herói, o que ele nunca foi. Nem para confirmar a desconstrução que muitos fizeram dele, à esquerda e à direita do espectro político nacional.

Mas para mostrar o perfil de um dos políticos mais extraordinários da história do Brasil, cuja capacidade de negociação era impressionante e que, no entanto, afundou por não conseguir fazer com que seu governo estabilizasse a economia naqueles difíceis anos pós-JK.

A vida de Jango no final dos anos 40 e ao longo dos anos 50 também foi notável. Paralelamente às atividades como criador de gado, revelava sincera preocupação com os trabalhadores, aos quais demonstrava apreço e consideração. Deu um belo exemplo quando propôs a reforma agrária: incluiu duas de suas fazendas no pacote.

Apesar de fazendeiro e criado em uma cultura provinciana, via o futuro do Brasil com olhos de modernidade, por meio de uma combinação de industrialização e fortalecimento dos benefícios sociais.

Murillo de Aragão é cientista político e presidente da **Arko Advice Pesquisas**

Murillo de Aragão